

RELATÓRIO DA Comissão:

Comissão L

**Pareceres Encaminhados pelo Secretário
Executivo**

Quanto ao documento 005.

Oriundo do(a):

Comissão nomeada pelo SC-IPB 2010 .

Ementa:

**Relatório da Comissão nomeada para responder consulta sobre Prática de unção
com óleo.**

O SC-E/IPB 2014 RESOLVE:

- 1) Tomar conhecimento;
- 2) Aprovar o relatório nos seus termos, a saber:

CONSIDERANDO QUE:1) Apesar de encontrarmos no Antigo Oriente a unção com óleo com finalidades profiláticas e medicinais, não encontramos esta prática no Antigo Testamento associada com freqüência ao ofício dos sacerdotes e profetas. Conforme a exposição do Dr. Augustus Nicodemus ; "o óleo referido por Tiago é o de oliva, comum na Palestina, que é mencionado mais de 200 vezes na Bíblia. Ele era usado como combustível de lâmpadas (Mt 25.3,4,8), como remédio (Lc 10.34), para unções em festas (Lc 7.46; cf Hb 1.9: uma possível referencia à festa da consagração de reis). Por fim, a unção do doente deveria ser feita "em nome do Senhor, à semelhança de outros atos cristãos, como pregar (At 9.28; Tg 5.10), disciplinar membros faltosos (1 Co 5.4), passar determinações apostólicas (2 Ts 3.6) ou os atos cristãos em geral (Cl 3.17)". 2) O Antigo Testamento usa a palavra m̄shah (chrio na LXX) na unção com óleo de reis, profetas e sacerdotes para a consagração em seus respectivos ofícios (1 Sm 9.16; Ex 29.7; 1 Rs 19.16). No Novo Testamento a ordenação de presbíteros e diáconos é realizada pela



**Igreja Presbiteriana
do Brasil**

PROTOCOLO Nº XVII

**Roberto Brasileiro Silva
Presidente do SC/IPB**

Data: 13/11/2014

imposição de mãos e não mais pela unção com óleo (At 6.1-6; 1Tm 4.14; 2 Tm 1.6).3) Segundo Lothar Coenen e Colin Brown, o Novo Testamento usa a palavra aleiphō (ungir) somente 8 vezes, em contraste com a palavra mais importante chrio (ungir) usada sistematicamente no Antigo Testamento (Septuaginta). Logo, o Novo Testamento usa a palavra aleiphō (ungir) para se referir consistentemente à ação física de ungir, praticada exclusivamente sobre pessoas: para o cuidado do corpo (Mt 6.17); como sinal de honra a um hóspede (Lc 7:38, 46; Jo 11:2; 12:3); honrar os mortos (Mc 16.1); e na oração pela cura dos enfermos (Mc 6.13; Tg 5.14). Os discípulos de Jesus Cristo curaram numerosos doentes unguindo-os com óleo (aleiphō), vemos isto, em uma das viagens missionárias ordenadas pelo Senhor, de acordo com Marcos 6.13. 4) Tiago recomenda que os presbíteros, a pedido dos próprios crentes enfraquecidos por uma doença, os visitem e orem por ele unguindo-o com óleo em nome do Senhor (Tg 5.14). 5) A prática recomendada por Tiago não tinha caráter medicinal, uma vez que a mesma era para ser feita pelos presbíteros, em nome do Senhor e acompanhada de oração e fé.6) A oração da fé mencionada por Tiago (5:15) é dada por Deus quando soberanamente deseja curar o doente através da oração; não sendo este o caso sempre.7) A Confissão de Fé de Westminster não inclui a unção com óleo entre os elementos de culto: A leitura das Escrituras com o temor divino, a sã pregação da palavra e a consciente atenção a ela em obediência a Deus, com inteligência, fé e reverência; o cantar salmos com graças no coração, bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo - são partes do ordinário culto de Deus, além dos juramentos religiosos; votos, jejuns solenes e ações de graças em ocasiões especiais, tudo o que, em seus vários tempos e ocasiões próprias, deve ser usado de um modo santo e religioso (CFW XXI, 5) 8) Da mesma forma os Princípios de Liturgia da IPB não incluem a unção com óleo como parte do culto presbiteriano: O culto público consta ordinariamente de leitura da Palavra de Deus, pregação, cânticos sagrados, orações e ofertas. A ministração dos sacramentos, quando realizada no culto público, faz parte dele (PL Art. 8).9) A unção de doentes com óleo foi deturpada pela Igreja Católica Apostólica Romana que a transformou no sacramento da extrema unção a ser aplicado a doentes terminais, sendo duramente criticada por João Calvino, mas que continua em prática até os dias de hoje, na Igreja Católica Apostólica Romana, conforme a Constituição Apostólica "Sacram Unctionem Infirmorum" - sobre o sacramento da unção dos enfermos de 30 de novembro de 1972 do papa Paulo VI.10) As igrejas neopentecostais, da mesma forma, deturparam o sentido bíblico da unção de doentes, transformando-a em ato litúrgico público visando libertação de enfermidades e demônios, e emprestando um

caráter místico à mesma e também na unção de objetos.11) É necessário visitar os enfermos e trazer-lhes conforto e esperança.12) Que a oração da fé e a unção com óleo não deve substituir a busca pelos recursos da medicina. Conforme afirma Dr Hernandes Lopes: "Cremos firmemente que a medicina é dádiva de Deus. Cremos que ela deve ser usada como recurso legítimo, estabelecido pelo próprio Deus."

O SUPREMO CONCÍLIO RESOLVE:1) Reafirmar que Deus é soberano para atender ou não, aos pedidos nas orações, segundo sua suprema vontade, independente da fé do crente. 2) Determinar aos pastores e presbíteros que não unjam pessoas ou objetos com óleo durante cultos de qualquer natureza, públicos ou em casas, quer sejam reuniões ou encontros em quaisquer lugares.3) Permitir excepcionalmente que a unção com óleo seja realizada, exclusivamente em pessoas, nunca em objetos, pelos pastores e presbíteros somente quando forem convidados por membros enfermos de suas igrejas, em suas casas, orando por eles e suplicando de Deus o seu pronto restabelecimento.4) Que a exceção mencionada no item anterior fica à discricção dos pastores e presbíteros das igrejas locais uma vez certificados de que o enfermo crente, não atribui poderes miraculosos ao óleo e também que seu emprego não irá gerar superstições e misticismo.

Sala das Sessões, 13 de Novembro de 2014.

Relator:



**IGREJA PRESBITERIANA DO
BRASIL**

SECRETARIA EXECUTIVA

SC-E - 2014

12 a 15 de Novembro de 2014

ARACRUZ - ES

Folha

4